

Museus

MUSEU NACIONAL DE SOARES DOS REIS

SÉRGIO LIRA

CEAA – Universidade Fernando Pessoa

O museu que desta vez se escolheu para análise é dos mais antigos do país. A sua existência descende de uma longa sucessão de vicissitudes culturais e políticas, tendo por base o Museu Portuense, fundado na década de 30 do século XIX, sob os auspícios de D. Pedro IV. Com a República, a instituição passa a Museu de Soares dos Reis e dessa forma se manteve até receber o epíteto de Nacional já sob a Ditadura Nacional em 1932, ou seja, quase um século de pois de ter sido fundado.

As instalações deste museu foram, ao longo deste período, incapazes de satisfazer os seus responsáveis. Por inúmeras vezes as queixas acerca das instalações surgiram, mais ou menos veementes. Apenas nos finais da década de 30 do século XX, e preparando as comemorações de 1940, decidiu o Estado Novo instalar o museu em novo edifício. Novo, na função, porque a escolha recaiu sobre o Palácio das Carrancas, também ele já vetusto imóvel. A adaptação do edifício nunca resultou totalmente, e a prova-lo estão as queixas do director do museu, logo após a inauguração, relatando o que não funcionava como deveria... A oportunidade de aliar ao uso do museu terrenos anexos, onde poderiam ser montadas exposições temporárias e ter lugar actividades culturais diversificadas, perdeu-se num labirinto de tricas políticas; o Estado Novo acabou por decidir à revelia dos veementes protestos do director, que considerou ter o museu ficado truncado quando poderia ter sido exemplar. Até ao presente, mais amiúde ou demorando longos períodos, foi sempre o edifício recebendo obras pontuais que se destinavam mais a evitar que a água da chuva ensopasse o interior que a verdadeiramente remodelar o discurso expositivo. Recentemente, de acordo com o calendário do Porto 2001, nova e profunda intervenção foi efectuada, mas a ela nos referiremos mais à frente.

As colecções do museu foram sendo reunidas de formas várias: ora herdando acervos de outras instituições, ora recebendo peças em depósito, ora adquirindo, o museu agrupou um espólio significativo, especialmente em termos de peças de arte. Tal espólio foi organizado, ainda antes da trans-

ferência para o Palácio das Carrancas, recorrendo ao exemplo do Museu Nacional de Arte Antiga, o museu de referência em Portugal nas décadas iniciais do século passado. Por essa época, o Porto evidenciava alguma bacoquice provinciana, ao menos em certas vozes, assumindo-se como a "2ª capital do país"... e essas vozes reclamavam para o Soares dos Reis o lugar de digno representante das Artes, nesse Norte tão longe da capital. Tais opiniões parece terem colhido, uma vez que em legislação vária dedicada ao Soares dos Reis, acabou por ficar registada essa importância de único museu de arte do Porto, aberto ao público. Actualmente o museu é detentor de colecções significativas. Por exemplo pintura e escultura aparecem ao visitante com uma riqueza de representações de interesse inegável. No entanto...

Quem chega ao Soares dos Reis, depara com um pórtico austero, numa fachada respeitável de edifício histórico. Venerável em toda a linha. O átrio de entrada é um elogio ao granito; no chão, nas escadarias, nos arcos, a pedra setentrional surge nua e crua. O visitante é recebido num balcão simpático e tem à sua disposição bengaleiro e onde deixar o casaco mais pesado ou a saca que carrega consigo. Do átrio pode passar à loja ou subir as escadas para iniciar a visita. Transposto este obstáculo, parece aceder-se a um outro mundo cronológico. As salas de exposição permanente sucedem-se, iniciando-se na pintura e seguindo para a escultura, num ambiente que parece ter sido retirado de há algumas largas décadas. Não fora o controle da luz natural e a tecnologia da iluminação artificial, o visitante poderia pensar que havia penetrado no Soares dos Reis de antanho. De facto, o discurso expositivo é clássico a mais não poder; as peças expostas valem por si só, ou, pelo menos, assim parece ser o entendimento de quem organiza a exposição. As legendas são secas, definitivamente não-interpretativas. Quem é apreciador de arte, goza as obras; quem não é, ou aprecia esteticamente ou então está condenado a ficar a entender tanto quanto entendia antes de entrar no museu, ou pouco mais. Quase dá vontade de citar o velhinho *Regulamento* de 1965, onde se dizia que as novas responsabilidades eram (são!) chamados os museus...

A exposição muda um pouco de tom, quando pretende evidenciar ambientes que seriam próximos dos do Palácio, quando estava em funcionamento enquanto tal, mas esse é um momento fugaz. O que fica na memória é um longo percurso de Arte, no sentido mais clássico, mais hermético e mais desencorajador do termo. Parece que realmente o Soares dos Reis continua na senda da imitação do Museu Nacional de Arte Antiga... Imitou-o nos "verbetes" de inventário, imitou-o no mobiliário expositivo, imitou-o no discurso museológico. E se o Museu Nacional de Arte Antiga apresenta

algumas alterações de organização interna, mantém muitas das características museográficas dos meados do século XX; o Soares dos Reis também... Naturalmente que os aspectos estéticos são fundamentais na peça de arte, mas seria tão interessante poder contar com intervenções interpretativas nas legendas, em painéis introdutórios ou em desdobráveis, que guiassem o visitante pela cronologia, pelas temáticas, pelos autores coevos, pelas técnicas empregues, pelo ambiente social e cultural de cada época, enfim pelo mundo que gerou cada uma das obras expostas. Nem se poderá argumentar que este trabalho seja demasiadamente difícil de fazer, ou que envolva meios necessariamente muito sofisticados ou terrivelmente caros. Um dos aspectos que surge como fundamental é o emprego de legendas interpretativas²⁰¹, que não substituem mas que desempenham funções diferentes das que actualmente estão à disposição do visitante. Num museu deste tipo (como em muitos outros, aliás) a interpretação é essencial para que grupos muito significativos de público (actuais ou potenciais) possam tirar verdadeiramente partido do museu.

No entanto o museu tem actualmente outras valências de salientar, nomeadamente um auditório e espaços de trabalho que lhe foram atribuídos durante a última intervenção arquitectónica. São certamente espaços essenciais para que a instituição possa desempenhar as várias tarefas que lhe são cometidas. Porém, ao público, o novo espaço que mais interessará é o das exposições temporárias. Neste capítulo ficou o Soares dos Reis equipado com um espaço invejável! Polivalente, capaz de receber variados tipos de exposições, de materiais e de temáticas, a área das exposições temporárias parece ser uma das aquisições mais interessantes do velho museu. Alguns dos últimos eventos aí realizados deixam clara essa polivalência e auguram um futuro interessante a esse espaço, deixando sempre no ar um convite a que o público vá ver o que de novo há. A localização do Soares dos Reis – num eixo que já foi periférico quando a cidade estava centrada na tradicional *baixa*, mas que se transformou em central com o deslocar da cidade para a área ocidental (a Boavista) – é simultaneamente interessante e difícil de gerir. Interessante porque o coloca numa via privilegiada dentro da cidade (com acesso rápido à zona ribeirinha, ao centro antigo e à zona de maior desenvolvimento mais recente); difícil de gerir, porque não dispõe de óbvios

²⁰¹ Quando me refiro a legendas interpretativas e não-interpretativas sigo a lição de SERRELL, Beverly - *Exhibit Labels - An Interpretative Approach*, Altamira Press, Walnut Creek, 1996.

e eficientes transportes públicos²⁰² (como o resto da cidade, aliás...) e porque não é fácil estacionar nas proximidades (a não ser no parque do "Palácio", apesar de tudo algo desviado). Ainda assim, o Museu, "rejuvenescido" em 2001, se souber captar convenientemente os seus públicos, há-de certamente aumentar o seu papel cultural num Porto em acelerada mutação.

²⁰² Esta foi sempre uma das preocupações do museu. Logo após a sua instalação no Palácio das Carrancas foi pedida uma paragem de transportes públicos em frente, para facilitar o acesso.